"Ao despedir-me do querido Estado natal, desta formosa terra catarinense, levando nalma as saudades de sempre, é-me sumamente grato declarar que não sei o que mais admirar nas homenagens que me foram aqui prestadas: se a fé com que foi destacado o purpurado da santa igreja em todas as manifestações — ou se o carinho espontaneo e franco ao filho dêste próspero Estado. Deus retribua com as mais abundantes bençãos a bondosa generosidade das autoridades civis, religiosas e militares, bem como do clero e do povo barriga-verde. — Florianópolis, 26 de Julho de 1946. — † Jaime Cardeal Câmara".

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "CID ROCHA AMARAL", DA ESCOLA INDUSTRIAL DE FLORIANÓPOLIS

ANO 1 | Florianópolis, Santa Catarina, Agosto de 1946 | NÚMERO 2

A concentração do Centro de Intercâmbio Cultural

Com início às 19,30 horas do dia 19 de Julho e com a presença de altas autoridades e o povo, em geral, foi realizada no Teatro Alvaro de Carvalho a primeira concentração do Centro de Intercâmbio Cultural.

O jovem Osvaldo Melo, era encarregado de anunciar os números do programa, apresentou em primeiro logar a senhorita Dalva Machado, distinta presidente do Clube de Leitura Maria Desidéria, que, com as suas expressivas palavras explicou ao público o interêsse do C. I. C.

Como o programa indicava, ouviu-se, ao som do piano, interpretando "Saudades", da compositora catarinense, Rute Carvalho, a senhorita Maria Sinova Bayer.

Em seguida o jovem José Ballstaedt, ao violino e a senhorita Nereide Carvalho, ao piano executaram a linda composição "Reminicências" autoria do saüdoso compositor Adolfo Melo.

Entre os oradores fez-se ouvir o representante do G. C. C. R. A., Sr. Valmor Prudêncio, que se referiu à "Evolução Econômica de Santa Catarina". O seu discurso foi o seguinte:

"Exmas. autoridades. Dignissímos senhores. Exmas. senhoras. Estudantes.

Sendo eu um dos membros de uma das associações estudantis desta capital que fazem parte do Centro de Intercâmbio Cultural, fui encarregado pelo mesmo de apresentar a Vv. Ss. um tratado sôbre a evolução econômica e industrial de Santa Catarina, esta terra tão bela e fertil que nem todos conhecem.

Bem para o sul do Brasil é que está situada a consagrada terra catarinense; a sua povoação data de época muito remota. Transportemo-nos pois ao ano de 1504 e vamos encontrar um cenário tipicamente selvagem, habitado pelo gentio. Foi neste mesmo ano que o primeiro homem branco de que se tem notícias pisou em nosso sólo. Partiu de França em Junho de 1503 com um pequeno navio em busca de ouro, chamava-se Binot Paulmier de Gonneville; chegando em janeiro de 1504, fundeando na Baía de Babitonga, hoje famoso porto de São Francisco.

Os indígenas acolheram com cordialidade os membros da tripulação, abastecendo o barco, trocando produtos da terra por bijouterias dos navegantes.

Depois de abastecido, parte a embarcação, para a Europa a 3 de julho do mesmo ano deixando como símbolo de sua estadia, uma cruz na ponta de terra conhecida até nossos dias como Ponta da Cruz. Travou-se, pois, o primeiro comércio de que se tem notícia entre o primitivo habitante e o estrangeiro.

Até mais ou menos 1657 foi nossa terra um posto de abastecimento aos barcos que rumavam para o fabuloso Rio da Prata e terra de Castela. Esses barcos abasteciam-se de água e outros produtos, já nesse tempo cultivados pelos indigenas.

Em 1658 Manoel Lourenço de Andrades chegou com a primeira expedição colonizadora destinada a costa catarinense dando logo início na colonização do norte.

A terra barriga-verde, por estar situada na zona temperada meridional adapta qualquer ente estrangeiro; pois é dotada de clima idêntico ao de diversos paises. No planalto branqueia a neve grandes áreas, transformando-as em paisagem tipicamente européia. No litoral e nos vales o termômetro sobe dando um clima semelhante os de zona quente. Esses climas diversos e, em zonas diversas permitem muitas culturas agrícolas. A agricultura catarinense deu início ao comércio que por sua vez originou a indústria. Os povoadores deste belo Estado não se originaram do mesmo tronco etnico, mas sim, de variadas raças. A emigração estrangeira desempenha papel importante na economia e indústria catarinenses.

No litoral estabeleceram-se os açorianos, e tiveram suas atenções voltadas para a pesca e a agricultura. A pesca deu origem a indústria baleeira, enquanto que, iam aparecendo as primeiras plantações de mandioca, café, cebola, feijão e cana de açucar; produtos esses de essencial consumo.

O europeu encontrou em nossas terras sólo idêntico ao que deixara na pátria longínqua, e entregou-se ao amanho da nova pátria. Logo foram surgindo do seio desta terra produtiva as plantações de linho, cevada, alfafa, videira e trigo, produzindo bastante para a sua subsistência e para o seu comércio. A nossa produção econômica e industrial antiga, alcançou, pouco desenvolvimento porque os povoadores empregaram muito pouco o braço escravo, suas lavouras eram quasi só cultivadas pelos membros de suas famílias pedindo quando necessário, auxílio de seus amigos e parentes.

Já antes de decretada a abolição da escravatura no Brasil Santa Catarina havia abolido essa negra mancha.

Com a emigração alemã e italiana surgiu uma nova fase industrial para o Estado. Apareceram estabelecimentos fabrís de diversas especialidades, como de bebidas alcoólicas, seda, charutos, vinhos e laticínios. Depois da primeira grande guerra, os alemães emigrados seguiam à risca, a política do general alemão Von Armin que era a seguinte: A Alemanha deveria criar núcleos seus em partes diferentes do universo, especialmente em zona pouco exploradas como na América, para fins políticos e econômicos. Esses centros seriam consumidores dos produtos alemães. E o Vale do Itajaí foi um desses núcleos. Pois quasi só consumiam produtos germânicos importados, como: máquinas ferramentas, peças mecânicas, produtos químicos e diversos outros; mas terminada a importação os alemães aquí localizados começaram a fabricar o que antes recebiam da Alemanha, e assim surgiram novas fábricas.

O Vigilante Noturno

Alta noite. A cidade já dormia.
Era um horror o mau tempo reinante:
Chuva gelada, vento penetrante,
A escuridão apavorar fazia.

Lá fora, sem abrigo, percorria
As ruas sózinho, o pobre vigilante,
Roupa molhada, corpo tiritante,
Sua missão penosa assim cumpria.

Noites inteiras sem dormir, zelando
Os bens alheios pra ganhar migalha,
Mas vai honestamente trabalhando.

Emitindo um apito quando em quando,
Tranqüilidade em todos nós espalha
E simpatia vai angariando.

C. Coelho

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

VISITA A SUA TERRA NATAL

Causou grande satisfação a data de 22 de julho, ao povo desta capital, a chegada do eminente chefe da Igreja Católica, no Brasil, Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, nosso mui digno e amavel conterrâneo, que depois de passar por terras do norte brasileiro, como em Mossoró, Belém do Pará, e ultimamente como Cardeal do Rio de Janeiro, veio rever seu torrão natal tão rico e admiravel, de um povo consciente e cristão.

Nascendo em São José, teve seus primeiros anos de educação no Ginásio desta capital.

SUA CHEGADA

Mais ou menos às 16 horas e 15 minutos, pisou em sólo florianopolitano, sendo esperado e aclamado por uma grande massa popular, que com imenso entusiasmo, jogavam flôres acompanhadas de uma forte salva de palmas.

Ao passar pelas escolas, que estavam formadas na rua Felipe Schmidt, foi saudado por toques de tambores e cornetas, concretisando assim a alegria e o entusiasmo reinante naquele momento.

Sua Eminência vinha ladeado desde Biguaçú, pelo Exmo. Sr. Interventor Federal Udo Deek e Arcebispo D. Joaquim D. Oliveira acompanhado de altas autoridades civis e militares, que vinham numa fila de trinta automoveis.

Entrou imediatamente na catedral metropolitana, ficando ali poucos minutos, saindo acompanhado ainda das autoridades, seguindo para o palacio do governo, indo aparecer na sacada central, onde foi recebido por ovações delirantes do povo que ali em frente se comprimia em manifestações de regosijo.

Logo depois, tomou a palavra o representante do governo estadual e do povo catarinense, o distinto desembargador dr. José da Rocha Ferreira Bastos, que falou sôbre sua passagem, no Rio Grande do Norte, Pará e Rio de Janeiro, sôbre sua vida, terminando por uma forte salva de palmas.

Em seguida discursou de improviso Sua Eminência, que vinha a esta terra para trazer as bençãos de S.S. o Papa Pio XII, ao povo de Santa Catarina. Prosseguindo elogiou muito, o governo do Estado pelo progresso, que aquí encontrou e pelas obras, que êste vem realizando em nossa terra. E pediu ao povo que se unisse para combater os inimigos da religião e do Cristianismo, pois, assim, num só lema, se poderá salvar a insígnia da Fé, que é a Cruz do Calvário. Encerrou sua palestra louvando o bemquisto Arcebispo de Florianópolis, pelos seus feitos para o progresso da Igreja Católica. Logo ao terminar, recebeu delirantes aplausos.

Finalmente os festejos terminaram, com o desfile dos estudantes, em homenagem ao grande conterrâneo, Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara. Sua Eminência foi hospedar-se no Colégio Catarinense

Na mesma noite de sua chegada, efetuou-se uma entusiastica e belíssima marcha "aux flambeaux", que, saindo da frente do Teatro Alvaro de Carvalho, seguiu pela rua Padre Miguelinho, Praça 15 de Novembro, em volta do Jardim Oliveira Belo, frente do Palácio do Govêrno, dobrando a rua Tenente Silveira, Alvaro de Carvalho e Esteves Júnior, até o portão principal do Colégio Catarinense. No galpão onde se ia realizar a recepção, o povo comprimia-se, vibrante de

S. Em. o Sr. Cardeal D. Jaime de Barros Câmara

entusiasmo, levando vivas ao Cardeal e a Santa Igreja.

Alguns momentos depois, chegava ao local Sua Eminência, ladeado por alguns padres e por diversas autoridades de nosso Estado.

Entre as inúmeras pessoas ali presentes encontravam-se os alunos do Colégio Catarinense, alunas do Instituto "Coração de Jesus", e as do Asilo de Orfãs da capital.

Dando início à manifestação, a palavra em nome da Juventude Católica de Florianópolis.

Em seguida o Secretário da Fazenda, Dr. João David Ferreira Lima, falou pela classe oficial e finalmente tomou a palavra, o Rv. Pe. Alberto, em nome do clero.

Sendo que todos os oradores, ao terminarem foram muito aplaudidos.

Para o engrandecimento de todas aquelas homenagens, tomou a palavra, S. Eminência, o Cardeal D. Jaime.

No dia 23, houve em sua homenagem, no Colégio Catarinense uma festa, e antes, às 7,30 horas, Sua Eminência rezou para os fiéis presentes, o Santo Sacrifício da missa.

VISITA DE SUA EMINÊNCIA À NOSSA ESCOLA

No dia 23 à noite seguiu uma comissão de alunos até o paradeiro do Cardeal, que era no Colégio Catarinense, para convidá-lo, a vir fazer uma pequena visita à nossa Escola, que prontamente aceitou, para o dia seguinte, ás 10,30 horas.

No dia seguinte, à hora marcada, chegando, foi recebido pelos funcionários e alunos de nosso estabelecimento, e ao entrar ouviu-se uma forte salva de palmas, saudando-o.

No gabinete do Sr. Diretor, palestraram alguns minutos, pois, em seguida foi visitar as aulas e oficinas, o que fez muito apreçadamente, por falta de tempo.

Elogiou os trabalhos e interessou-se por tudo.

Embarcou em seu carro no portão lateral, seguindo para o Colégio Catarinense.

Nos períodos de gerra muitas indústrias do Estado, são divididas em período de progresso de decadência, como a indústria de fecularia, pasta mecânica e o óleo de sassafrás, que desenvolveram rapidamente mas não tiveram grande duração. As primeiras fecularias, alcançaram, no mercado, grande saída e exportação. Num abrir e fechar de olhos existiam centenas delas pêlo Estado. Mas em resultado da grande quantidade e péssima qualidade, baixou o preço e hoje se acham quasi todas feichadas à espera de melhores dias.

Outra grande febre de concorrência, foi a matéria extraida do pinho a pasta mecânica e também o óleo de sassafrás, que tiveram o mesmo progresso mas também decairam.

A guerra trouxe à indústria catarinense a incertesa do progresso.

A agricultura não tem o desenvolvimento esperado, porque o lavrador na sua maioria não sabe aproveitar o sólo. As plantações são cultivadas num só terreno diversas vezes, não dão o descanso necessário à terra; e nem todos fazem seleção de sementes, para o plantio. Isto tudo serve para diminuir a escala de nossa produção agrícola.

Mas o que lhes falta não é vontade, é conhecimento. Este mal pouco a pouco vai sendo sanado pois o governo criou e está fundando no Estado, estabelecimentos para aprendizagem agírcola.

Quanto ao ensino industrial técnico já existe uma pleiade de jovens exercendo os seus conhecimentos; não só em S. Catarina como também em diversos Estados do Brasil, formados pela Escola Industrial de Florianópolis.

É verdade que a guerra veio diminuir a nossa produção agrícola porque o lavrador procurando algo mais lucrativo, largou a lavoura entregando-se à indústria, que lhe rendia mais com menos trabalho. A madeira veio marcar um enorme progresso na economia catarinense. Sua exportação é grande quasi que exclusivamente de pinho. Essa exportação atinge a uma média de 60 % de nossa produção.

O norte é formado de matas opulentas, troncos seculares erguem-se, querendo alcançar o céu; as serrarias funcionam sem descanso, e o madeirame pelas linhas ferroviárias segue para o porto de S. Francisco do Sul, o escoadouro do norte do Estado.

Esse porto recebe em sua baía, navios de grande calado, que levam para nosso país e estrangeiro diversos produtos catarinenses sendo os principais, a madeira e a herva mate. A madeira tornou-se nesta parte do Estado o principal fator da produção econômica, enquanto que no sul é o carvão.

Com a guerra e a criação de Volta Redonda a extração do minério negro teve grande desenvolvimento. O ouro preto, deu grande impulso para o progresso do sul, marcando mais um grande ciclo na economia catarinense.

Hoje erguem-se na zona sulina, duas grandes siderúgias nacionais. O carvão catarinense, considerado o melhor do Brasil, segue de suas minas por via ferroviária para essas grandes usinas, e depois de devidamente purificado é levado pela mesma linha de ferro para os portos de Laguna e Imbituba, por via marítima é transportado para diversos portos do Brasil. O porto lagunense é também o escoadouro agrícola sulino. As principais importações do Estado são: a gazolina, ferro, aço, folhas de Flandres, cimento e máquinas.

Alcançou a esportação da madeira em 1930 a quantidade de 134.425 metros cúbicos e em 1943 elevou-se para 519.830 metros cúbicos. O carvão teve maior produção, pois em 1938 exportava o Estado 126.530 toneladas e em 1943 aumentou para 424.490 toneladas Viu pois Santa Catarina subir sua produção em grande escala e isto é uma glória para nós catarinenses.

Possuimos fábricas sem simile no Brasil e na América do Sul, como a fábrica de gaitas e maquinas para beneficiamento da madeira.

E ainda centenas de outras que elevam nossa indústria, como a do ferro e aço, textil, bebidas alcoólicas, laticínios, vidro, papel, produtos químicos, cerâmicas e muitas outras de onde saem produtos preparados com capricho e perfeição.

Cada dia mais sobe a produção catarinense, o que constitue, um orgulho para nós.

Encerro aqui este pequeno e mesquinho trabalho, tão pobre para corresponder ao aspecto da evolução econômica e industrial de Sta. Catarina que caminha ao lado de outros Estados, para glória e o progresso de nosso consagrado País...

Constando do programa uma parte poética a senhorita Nadir Ferreira, recitou com grande expressão "Triunfo Soprano", de Cruz e Souza.

Sôbre o tema "Artistas e Intelectuais de Santa Catarina", falou o jovem Wilson Marcelino, que enalteceu as pinturas de Vitor Meireles, poesias de Cruz e Souza e Luiz Delfino, os jornalistas Jerônimo Coelho, Crispim Mira, etc.

Representando o Clube de Sociologia "Tristão de Ataíde", falou a senhorita Cherem, desenvolvendo sua palestra sôbre a etnia de nossa terra.

Finalmente o colega Osvaldo Melo, com grande simpatia dirige-se ao público e agradece a presença de todos, anunciando a última parte do programa o "Hino de Santa Catarina", letra de Antônio M. da Costa e música de Álvaro Ramos, cantado por um grupo de senhoritas, acompanhadas por uma ao piano.

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

A ESCOLA

WALMOR C. PAMPLONA

Não bem esclarecidos estão os futuros de nossos alunos, dizem — não dá proveito ; outros, não adianta ; enfim, talvês inocentes de saber, que poderá um aluno de nossa Escola, ser um homem digno de bem servir a Indústria do Brasil e de fazer o que hoje existe, milhares de vezes melhor. Falando bem, não existe proveito, para indivíduos perversos que não têm talento nem coragem para continuar o estudo.

Sôbre o funcionalismo é bem fertil, pois procuram o mais possível fazer compreender as matérias de que consta o programa. É chefiada por um habil, amigo tanto dos alunos, como dos funcionários, que ficam sob seu mandato, por sua grande amizade para com os alunos foi convidado a ser o Presidente de Honra do Grêmio recem-fundado, no qual recebeu ainda o seu nome.

Na sua qualidade de engenheiro civil, que para nós favorece, pois o interesse dele é fazer dos alunos Técnicos e Engenheiros.

Acho a seleção de ensino, bem satisfatoriamente distribuida, mestre de oficina e professores, nas materias de Literatura, História, Ciências, Geografia e muito em Matemática; nas oficinas são distribuidos homens de talento para que os alunos aprendam o mais possível, e que mais tarde sejam mestres da própria escola, como hoje, mais ou menos, a metade dos mestres existentes foram alunos, futuramente, calcula-se, serão todos.

Os primeiros passos do aluno em sua entrada, é percorrer oficinas escolhidas por êle, no número de três, e delas achar a sua; alguns vem convencidos de que só o ofício que está em seu pensamento é bom, não sabendo que seu futuro está no que mais é facilitado, ou que para si é compreensivel. O 1.º ano é a experiência e os outros três seguintes já é o trabalho e a aprendisagem.

Além dos ofícios que lhe servirão existem ainda os estudos teórico e técnologico, dão o maior conhecimento preciso, mostrando exemplos e fórmulas ; também há execuções em matérias que nossa escola não possue, como grandes máquinas, exemplo ainda bem ocasionado, os Altos Fornos, que só podem ter os conhecimentos práticos mais tarde, na continuação dos estudos; então o estudo teórico existe, como já falei.

Sôbre os ofícios existem diversos, na qual o mais concorrido é a Mecânica, havendo divisões como secção de Máquinas, de Serralheria, Forja e Fundição. Na secção de Serralheria oferece o estudo de soldas, tanto elétrica como de oxigênio e outras. A de Fundição, dá aos alunos, estudo de moldagem e modelagem, assim êle próprio projeta, modelisa e constroi por si.

A secção de Marcenaria e Carpintaria, sendo também mais ou menos concorrida; a secção de Artes Gráficas com suas subdivisões de Encadernação, Composição, Douração e Pautação. A secção de Alfaiataria embora seja bem montada é a menos concorrida.

A secção de Arquitetura, Alvenaria e Revestimento é uma das melhores, sôbre o estudo de desenho arquitetônico, dando possibilidade de construir, casas, prédios, etc.

Muitas vezes só o estudo desta escola não é totalmente satisfatório, então recorremos a continuação dos estudos, não no nosso Estado, pois não há uma escola superior a esta, mas sim no Rio de Janeiro e São Paulo.

Ainda no ano passado seguiram daqui para São Paulo, quatro alunos que ainda este ano completarão o curso de mestres onde podem tomar uma vaga conforme seus ofícios. Para o Rio de Janeiro, foram também seis, que em três anos terminarão o curso Técnico e tem possibilidade de continuar, até conseguir o de Engenheiro ; tomamos como bom exemplo, um nosso ex-aluno, que cursou o Técnico no Rio, no ano passado e vai continuar na Suissa; como parece, o ano vindouro, seguirão mais um ou dois.

Também não querendo ir ao estranjeiro podemos continuar os cursos de engenharia em nosso país, estes cursos só podem ser tirados após o Industrial e o Técnico.

Além do ofício que o aluno aprende, há também na proporção, o estudo de desenho técnico, que aprende conforme seu ofício e com êle pode também fazer seu futuro, e ainda em escritorios de estatística, ou mesmo comercial.

SERRALHERIA

MANOEL NUNES DA SILVA

A serralheria está dividida em 3 partes, a saber : Ajustagem, forja e solda.

1) A ajustagem tem por base, dar acabamento nas peças, com a ferramonta já conhecida que é a lima. Existem diversos tipos de lima; as principais são : bastarda, murça, faca, etc.

2) A forja é composta de um quadrado de tijolos, com um furo no centro, onde tem uma peça de ferro fundido que serve para colocar o carvão do qual se faz o fogo, afim de esquentar o material que se vai efetuar o trabalho; e ainda é composta a forja de bigornas e martelos, que servem para malhar o material que foi esquentado na forja; tenazes e outras ferramentas.

3) Existem diversos tipos de solda, as principais são: Solda elétrica; Solda otógina; Solda forte etc. A solda elétrica, é composta de m aparelho elétrico onde se regula a amperagem que senescessita para efetuar-se a operação que é a solda. A solda otógina : Para efetuar-se esta operação existe um aparelho especial que é denominado gazômetro e uma garrafa contendo oxigenio. Este aparelho conforme falei acima, é utilizado para colocar o material que forma o gaz combórente que acende o maçarico. Este gaz com auxílio do oxígenio serve para soldar.

Efetua-se a solda forte com o auxílio de uma forja ou de um forno

O conjunto de tudo que falei acima forma a serralheria, que é uma das oficinas da ESCOLA INDUSTRIAL.

Um mecânico serralheiro não precisa de maquinas industriais, para trabalhar, mas com o auxílio desses aparelhos, êle pode trabalhar em qualquer lugar, sem dificuldade alguma.

Meus colegas, aprendei tudo aquilo o que lhes forem ensinados e cumpram com seus deveres que serão homens felizes no futuro.

O EXPEDICIONARIO

WALMOR J. PRUDÊNCIO

Rugiam na Europa os canhões e os homens lutavam como feras.

Mas nós brasileiros, nada tinhamos com esta carnificina. O Brasil é um país pacífico, pois seus habitantes são homens sem sêdé de sangue e de conquistas.

Confiantes nisso é que os barbaros germânicos, homens sem alma nem coração, puseram a pique nossos navios, que, nem ao menos carregavam armas, suas tripulações eram compostas de gente indefesa, que morreu sem saber porque.

O povo brasileiro é pacífico, porém, quando é provocado, fugí, ó raça maldita, porque êle jamais dará descanso.

Assim foi que se formou a Fôrça Expedicionária Brasileira que, ao lado dos aliados foi lutar em terra extranha e retribuir a ofensa recebida.

Partem os bravos "pracinhas", homens recrutados aqui e ali, pelos recantos mais remotos do Brasil, pretos, brancos, caboclos, pobres e ricos, mas todos bem brasieiros. Embarcam e deixam seus pais, esposas e parentes, e olham tristonhos para o seu sólo sagrado, ouvindo os soluços dos que ficam. Entre estes, alguns também choram lágrimas silenciosas descem pelas faces cavando um sulco profundo. Muitos, pela última vez, lançam o seu olhar a estas plagas queridas. As plantas parecem acenarlhes com seus ramos verdejantes, dando-lhes adeus. E o navio vai se afastando sempre e com êle os nossos bravos compatriotas. A terra amada pouco a pouco vai sumindo já mal aparece uma linha no horizonte, mas êles continuam na amurada, com os olhos fitos lá no horizonte, onde nada mais aparece, mas êles retem ainda na vista a sua terra natal.

Chegam à Europa, sólo extranho, lingua desconhecida, mas resolutos e dispostos a venderem caro seu precioso sangue brasileiro. Sabem que está próximo o momento de entrar em luta, pois já ouvem o rugido dos canhões, porém marcham sempre confiantes na vitória. Chega o dia de entrarem em batalha. Todos estão ansiosos. Uns escrevem cartas a seus entes queridos, outros recomendam suas almas a Deus. No acampamento, o silêncio é profundo, quebrado apenas por explosões de algumas granadas lá, ao longe, nas trincheiras. Uma penumbra cobre o acampamento e dele saem os gigantes brasileiros, com o rosto tristonho mas a fronte erguida e firmes entram em filas e lá vão silenciosos, sem medo ou esmorecimento.

Já se divisam ao longe as trincheiras e êles caminham, ainda com vigor. Chega, pois, cruel nazista, o momento de enfrentares um brasileiro. Entram nas trincheiras e vão tomando posições. A emoção é grande, porém as ordens são cumpridas com rigor. Eles esperam tensos o momento de entrarem em luta. Vai ser o "batismo de fogo" e a tropa espera ansiosa. De repente, uma voz se eleva, um éco que abafa até o rugido do canhão e esse éco é o de "Fogo" ! . . . Eis chegado pois, o momento da luta, caros "pracinhas", é o momento de mostrardes vosso valor. Dentre êles havia alguns parentes dos indefesos brasileiros mortos em nossos navios torpedeados pelos odiados alemães, e êles esperavam ansiosos o momento de se fazer justiça. O combate cerrou-se. Os bravos patriotas lutavam como tigres, nada os fazia perder a coragem, nem mesmo vendo os companheiros tombarem banhados de sangue, caindo a seus pés alvejados pelo inimigo. Alguns com um vislumbre de vida, pediam que continuassem a lutar. Outros diziam : Vinguem-me ! E expiravam num charco de sangue.

Os bravos Expedicionarios, em vez de esmorecer, tornavam-se mais ferrenhos. Terminado o combate, voltaram os sobreviventes, mas muitos deles lá ficaram sem vida, no campo da luta.

Muitos regressaram à Pátria, alegres e felizes. Outros chegaram feridos e invalidos. Oh ! quanta emoção.

CARTA DE UM CAIPIRA

MÔ FIO

Temo acabado di chigá agorinha memo ca na cidade. Pa te cunta a buniteza qui isso é era perciso de um pudê di tempo. Só mêmo falado, proque escrivido não da pá cuntá. Os tumóves é uma temeridade, os impurão na gente é uma babaridade. A gente anda inté meio abôboado. Foi um sacrifiço pra chigá no Oteli. O Oteli qui nos temo tem tanto luxo qui inté os orinó é gardado dentru de di algum armáros pequeno.

Pa subi pô sóti não tem iscada, a gente sóbi nun caxão que aqui êles chamo levadô. Cando nos chegamo no quarto tinha um cobertô no chão estendido adiante da cama. A Gustava quiz juntá, mas o moço que vinha cô nós não dexou, diçe qui aquilo era pra ficá ali mêmo, nós então cum dó do cobertô não deitava o pé em riba.

Os vapô é um agarrado cos outro, cada um mundo de vapô que intê mete medo. Si nós chigá com vida e saude é dois dia pá converssá.

Oia mô filho, tu assenta bem o cô vo te dizê!

Oio vivo nisso tudo haim ? Si a porcada do Chico Branco fô na roça tu não te põe com arrudeio, sorta o Pimenta e o Lutador em riba haim?

Lugá di porco é no chiquero, e não na roça dos outro.

Cura a bichera da pintada e bota o fuero no carro.

Chega a terra no mio, e se tivê atrapaiado bota mais argum alugado. Quando vances tivê de barde vão fazendo o tipitim.

Mô fio por oge chega.

Da lembrança a visinhança e arrecebe uma sodação do tô pae.— Denario Freita

Valmir Müller

2º. Sêrie B

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

ESCULTURA

Como ficou dito no número anterior, seria publicado algo, sôbre esta maravilhosa arte, que conserva no mármore, granito ou argila, vultos históricos, cenas trágicas, retratos em relêvo, e uma infinidade de estatuetas e ornamentos que se acham encerradas em museus ou expostas, guarnecendo praças e jardins, lembrando aos que passam, os atos heróicos e vultos históricos.

Essa arte foi cultivada desde indeterminadas épocas. O primeiro escultor de que se tem notícia foi Deus, que criou o Universo, a terra e nela o homem, dando-lhe depois a vida.

Existem no mundo milhares de obras artísticas, algumas das quais não se conhece o autor, como a formosa pintura de venus de Milo, que foi encontrada numa caverna da ilha de Milo, por um pobre lavrador em 1820. Encontra-se esta maravilha de arte no "Louvre" (França).

A 6 de março de 1475 no castelo Caprezo, na Toscana nasceu uma linda criança, que viria assombrar o mundo artístico, Miguel Ângelo Buonaroti. Grande artista florentino, escultor, pintor e poeta, descendente de uma família antiga e nobre.

Teve como mestre Dominiquino e David Ghirlandajo, artista de seu tempo, mas com 15 anos, Buonaroti ultrapassou seus mestres, na perfeição das artes. Teve como protetores de seu talento Lourenço de Medicis, os papas Leão X, Paulo III e Julio III.

Suas esculturas são consideradas, verdadeiras obras primas: o Cupido Adormecido, as maravilhosas e colossais estátuas de Moisés, David, a de Lourenço de Medicis, o famoso pensador; Baccho, o Deus do Vinho e ainda muitas outras.

Faleceu o grande artista a 17 de fevereiro de 1564. Seu corpo acha-se sepultado na igreja dos Santos Apóstolos.

No Brasil, surgiu também um grande vulto no mundo cultural, e esse foi o famoso Aleijadinho, suas obras encontram-se principalmente em Ouro Preto, Mariana, S. João Del'Rei e Congonhas do Campo.

Gozou boa saúde o artista patrício, até mais ou menos a idade de 47 anos, passando depois a sofrer uma doença de carater lepróide, adquirida por excesso do alcool e pelas desregrada concupiscência, mas o grande escultor não desanimou e continuou produzindo o belo para mostrar ao mundo as suas maravilhosas criações. Depois de um certo tempo era carregado por seu escravo, chamado Maurício, para os lugares em que ia trabalhar. Seu corpo era uma verdadeira chaga corroida e cada vez mais trabalhava. Chegou um tempo que o macete e o cinzel que usava éram-lhes atados às mãos.

Durou sem suplício trinta e sete anos. Morreu com a avançada idade de 84 anos, em completo abandono e miséria. Seu verdadeiro nome era Antônio Francisco Lisboa.

Crê-se que os primeiros povos a aperfeiçoar esta maravilhosa arte foram os egipcios, os romanos também muito a desenvolveram.

Hoje, pelo mundo acham-se espalhados milhares de escultores, que produzem sempre com mais perfeição o belo.

No Barsil a escultura é muito usada, para homenagear os grandes vultos nacionais, E tu, caro amigo, talvez amanhã, tenhas uma estátua erguida pelos teus compatriotas em tua memória. Para, isso, entretanto, precisas ser um verdadeiro brasileiro.

A NOITE

WALMOR J. PRUDÊNCIO

A tarde melancólica vai tomando uma cor roxa, é o sol, o rei dos astros, que vai sumindo atraz dos verdes montes. E' o anoitecer. Breve uma penumbra expessa cobrirá a terra trazendo o mistério e o terror.

Lá longe no horizonte agonizam os últimos raios solares, as palmeiras com seus leques a abanar ao vento, vão projetando no sólo uma sombra misteriosa, tudo é terror, não se divisa mais nada, a escuridão é completa, um manto negro cobre a terra. E a calada da noite é subitamente interrompida pelo piar de algum mocho ou o grito estridente de algum animal lá ao longe na mata.

Um cão uíva, tornando mais tenebrosa as trévas noturnas. É neste ambiente que o crime, encontra, apoio, à noite, é a principal cúmplice do criminoso; é o crime em pessôa que age na escuridão.

O terror das sombras noturnas não afetam estas almas carcomidas, estes homens sem alma nem coração, estes despojos humanos que não encontram energia para trabalhar e ganhar com o seu suor honradamente o pão de cada dia.

Não é só o crime que age na noite mas também a morte esgueirando-se sorrateiramente aproxima-se dos que agonizantes e leva suas vidas. A desgraça também se adapta á noite

Mas existem também os que descansam felizes, de um dia de labuta, e encontram na noite o suave lenitivo para alcançarem novas forças para mais um dia.

E a noite vai caminhando sempre, dando descanso a alguns e desgraças a outros.

E a alvorada se aproxima, é o raiar de um novo dia.

NOSSO AGRADECIMENTO

Estimulados pelas confortadoras palavras de colegas e mestres de outras entidades estudantis, não esmoreceremos diante de quaisquer obstáculos, por maiores que sejam, na empreitada que nos comprometemos levar avante, iluminando a mocidade catarinense com este facho que será o vanguardeiro da gente moça e estudiosa de nossa terra — NOSSA FOLHA.

Não é necessário dizer quanto trabalho representa editar um jornal. Não fôra a atenção que dispensa ao Grêmio, o seu patrono; não fôra a ajuda do professor chefe de curso da Secção de Artes Gráficas; não fôra o amor que dedicam os alunos, em sua generalidade e pouco nos seria possível fazer para a realização deste desiderato.

Não visamos sòmente elevar o conceito firmado em bases sólidas da Escola Industrial de Florianópolis, temos em mira outros ideais mais grandiosos, porque sentimos vibrar em todos, a chama ardente, que nos torna ambiciosos de realizar obra digna da gente moça, tal a de contribuir, unidos, em cooperação desinteressada, para a felicidade e grandeza do Brasil, que sempre amamos e dignificamos, porque é a Pátria que Deus nos deu e que manteremos como o berço estremecido, que a tantos heróis tem glorificado.

Somos gratos a tantas demonstrações de simpatia e asseguramos que NOSSA FOLHA não é sòmente nossa, é da mocidade catarinense e dos estudantes do Brasil.

Ao anoitecer numa fazenda

O sol vai declinando por detrás das montanhas, enquanto os pássaros a chilrear vão procurando seus ninhos. O Fazendeiro recolhe os animais para os rodeios.

O gado muge espavoridamente por estar na hora de irem aos currais. É um ruido profundo na Fazenda.

Em seguida surge a lua, que ilumina a sombria noite.

Agora está tudo mais calmo já se ouve toques e, o cantar alegre dos empregados.

Aquele conjunto de som, parece confundir-se com a beleza natural!..

Lentamente vai ficando tudo em silencio. Agora, não se ouve toque nem canto, sòmente os ruidos dos insetos na eluminada pastagem. Ah! como é belo o anoitecer numa fazenda.

AS ENCHENTES DO RIO

A atmosfera está carregada as nuvens baixas e negras, anunciando temporal próximo.

Os trovões ribombavam ao longe com pouca demora a chuva estava caindo sob a forma de grossos pingos.

O temporal durou várias horas, as águas foram se acumulando, formando pequenos regatos.

Êstes vão despejar suas águas noutros maiores que, por sua vez, vão dar nalgum riacho.

Tôdas estas águas finalmente vão cair no rio principal, que sobrecarregado e transborda distruindo tudo que encontra na sua passagem.

As ilhas vão pouco a pouco submergindo.

Tudo que nela habita é obrigado a fugir ou sucumbir sob a fúria das águas.

Nas suas margens, o caboclo acorda altas horas da noite afim de salvar alguns objetos que ficaram na ribanceira.

Outros não chegam a tempo de salvar seus botes que as águas tumultuosas já levavam.

A ponte no lugarejo também dificulta a travessia de seus respectivos habitantes, por estar dominada pelas águas.

Se houver algum enfermo em qualquer lado e não houver médico, não há outro meio senão arriscar a travessia afim de buscar o socôrro médico.

Passada a fúria do temporal, as águas vão pouco a pouco baixando.

De volta ao nivel normal, pode se apreciar os estragos causados nas margens e nas ilhas.

As chuvas beneficiam mas em excesso também prejudicam.

Ziegfried Zimmer

O ALCOOLATRA

Quanta amargura encerra esta palavra! O pobre homem que viver não sabe, tenta esquecer suas máguas nas tabernas. Mas, ó fatalidade, porque existe o álcool ?!

Um pai de família com receio de enfrentar a vida bebe demais até embriagar-se e lá vai cambaleando arrastando seu mirrado corpo em direção à casa, todo trêmulo, balançando-o, qual galho tocado pelo vento, e com os passos incertos vai caminhando sempre, cai aqui, tomba acolá, levantando-se penosamente, continua a andar vacilante. Chega a casa. Tudo é tristeza tôdos o contemplam como um ser inutil que em vez de alento lhes traz amargura. Lamentam aquele homem, aquele sêr vencido ja em vida. Seus olhos cavos, embaciados pelo vício, seus movimentos são de uma criança.

Levam-no para a pobre enchêrga da triste vivenda, e olham-se tristes, pois era nele que punham sua confiança; mas o infeliz não passa de um covarde; teme a vida e, por isso, foge dela, procurando na bebida esquecer suas máguas não se lembrando dos pobres filhos que o esperavam e nele confiavam.

E assim se arrastam milhares de homens ébrios, que vivem e não sabem viver.

Walmor J. Prudêncio

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina